

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA, PARASITOLÓGICA E CLÍNICA DA ESQUISTOSSOMOSE EM ÁREA DE TRANSMISSÃO FOCAL

Alane da Silva Sousa;¹ Andressa Almeida Barros;¹ José Jenivaldo de Melo Irmão;² Natália Almeida Frota Santos;³ Verónica de Lourdes Sierpe Jeraldo;⁴ Cláudia Moura Melo;⁴ Andrea Gomes Santana de Melo⁵

¹ *Discente do Curso de Nutrição, Universidade Federal do Piauí. Campus Senador Helvídio Nunes de Barros/Picos-PI*

² *Docente do Curso Gestão Ambiental, Instituto Federal de Alagoas. Campus Marechal Deodoro/AL*

³ *Discente do Curso de Biologia, Universidade Tiradentes. Campus Farolândia/Aracaju/SE*

⁴ *Docente do Curso de Biologia, Universidade Tiradentes. Campus Farolândia/Aracaju/SE*

⁵ *Docente do Curso de Nutrição, Universidade Federal do Piauí. Campus Senador Helvídio Nunes de Barros/Picos-PI*

INTRODUÇÃO: A esquistossomose humana é uma doença parasitária de curso agudo e crônico, relacionada às condições de vida sociais e econômicas inadequadas. Acomete indivíduos de todas as faixas de idade, que utilizam as coleções hídricas contaminadas por cercarias de *S. mansoni*, usando a água para o desenvolvimento de atividades laborais ou recreativas (EXUM *et al.*, 2019; KATZ, 2018; BRASIL, 2017). As estimativas de 2017 indicam que aproximadamente 220,8 milhões de pessoas necessitaram de tratamento quimioterápico para a infecção, das quais foram tratadas apenas 102,3 milhões (WHO, 2017). No Brasil estima-se que cerca de 1,5 milhões de pessoas estejam infectadas (BRASIL, 2017). Os dados do inquérito nacional realizado no ano de 2018 em 220 mil escolares apontaram que as macrorregiões Nordeste e Sudeste apresentaram maiores taxas de positividade para a infecção: 1,27% e 2,35%, respectivamente. No Piauí, Estado do Nordeste brasileiro, a parasitose é de transmissão focal, não atingindo grandes áreas, contudo a cidade de Picos é historicamente endêmica para a doença. Dessa forma, o objetivo desta investigação foi analisar a epidemiologia, a parasitologia e a clínica da esquistossomose no município de Picos-PI. **MATERIAIS E MÉTODOS:** O município em estudo é Picos, situado na região Centro-Sul do Piauí, geograficamente cortada pelo rio Guaribas, com uma população estimada em 78.222 pessoas, área territorial 377,504 km² e IDH de 0,698 (IBGE, 2019). A pesquisa é descritiva, transversal com dados secundários obtidos por meio dos relatórios de conclusão de inquéritos coproscópicos anuais do Programa de Controle da Esquistossomose referente aos anos de 2009 a 2018 (Sespi/PCE). As variáveis analisadas foram idade, sexo, raça, zona de residência, autoctonia, positividade para infecção, carga parasitária, forma clínica da doença, tratamento medicamentoso, taxa de cura, todos apresentadas por meio de frequência simples. **RESULTADOS:** Entre os anos de 2016 a 2018 não

ocorreram casos confirmados para a infecção por *S. mansoni*, contudo de 2009 a 2015 foram diagnosticados 18 casos de esquistossomose humana com média de idade dos infectados \pm 34 anos. A doença foi mais prevalente no sexo masculino 77,8% (n=14) em relação ao feminino 22,2% (n=4), condição também encontrada em diversos estudos (LEE et al., 2019; HAJISSA et al., 2018) e a faixa de idade mais acometida foram os adultos 55,5% (n=10) independente do sexo, seguidos dos adolescentes 27,8% (n=5) e idosos 16,7% (n=3). A elevada prevalência nos homens pode ser atribuída a questões comportamentais (recreativas e laborais) e à baixa procura pelo serviço de saúde (MELO et al., 2019; GOMES et al., 2016) especificamente em adolescentes atribuída as atividades de lazer (MELO, 2011). Mais da metade dos indivíduos residem na Zona Urbana do município de Picos 66,7% (n=12) e os demais na Zona Rural 33,3% (n=6). A autoctonia dos casos foi de 61,1% (n=11) e 33,3% (n=6) do estado de Pernambuco 33,3% (n=6) e um caso (5,5%) indeterminado. Nas duas localidades, há presença de coleções hídricas como o Rio Guaribas e a barragem de Bocaina, na microrregião de Picos, e o Açude de Paquevira, na cidade de Quipapá- PE. O município pernambucano de Quipapá é uma das 43 localidades que compõem a Zona da Mata, com destaque para a esquistossomose com prevalência superior a 50 casos/10.000 habitantes (BARBOSA, 2011). Esses recursos hídricos são propícios ao desenvolvimento e manutenção do parasita, quando associado à ineficiência de saneamento básico e condições climáticas favoráveis, constituindo-se em áreas ideais para o contágio humano por cercarias de *S. mansoni* (BRASIL, 2017) devido à prática do lazer e/ou atividades laborais, realizadas pela população residente. A carga parasitária variou de 1 a 4 ovos por grama de fezes (opg), e a forma clínica intestinal foi mais prevalente 77,8% (n=14). Condições geralmente encontradas em áreas de baixa (menor < 5%) e médias (5-10%) positividade para a doença (BRASIL, 2017). Todos os indivíduos acometidos pela infecção realizaram o tratamento quimioterápico com a droga antiparasitária Praziquantel e obtiveram evolução do caso para a cura. **CONCLUSÃO:** A esquistossomose humana se apresentou com baixa ocorrência neste município, com média de prevalência anual menor que dois casos confirmados no período pesquisado e em um cenário de transmissão urbana. Apesar da autoctonia dos casos, o movimento migratório de pessoas, oriundas do estado vizinho, e endêmico para a doença são fatores importantes a serem considerados na ocorrência da doença. A baixa intensidade de infecção e a forma crônica intestinal mais prevalente indicam menor poder incapacitante da doença e, aliado à boa adesão ao tratamento, impedem a sua evolução para as formas mais graves.

PALAVRAS-CHAVES: Esquistossomose; Epidemiologia; *S.mansoni*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, V. S. Fatores associados à ocorrência da esquistossomose na zona da mata de Pernambuco. 2011. 33 f. Monografia (Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva) – **Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães**, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Coordenação Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. Guia de Vigilância em Saúde, v. 3, **Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Coordenação Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia e Serviços**. – ed. atual – Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

EXUM, N. G.; KIBIRA, S. P. S.; SSENYONGA, R.; NOBILI, J.; SHANNON, A.K., et al. The prevalence of schistosomiasis In Uganda: A nationally representative population estimate to inform control programs and water and sanitation interventions. **Plos Neglected Tropical Diseases** 2019; 13(8):1-21.

GOMES, A. C. L.; GALINDO, J. M.; SILVA, E. V. G. Prevalência e carga parasitária da esquistossomose mansônica antes e depois do tratamento coletivo em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, 2016; 25(2):243-250.

HAJISSA, K.; MUHAJIR, A.; ESHAB, H. A.; ALFADEL, A.; NAHIED, E., et al. Prevalence of schistosomiasis and associated risk factors among school children in Um-Asher Area, Khartoum, Sudan. **BMC Res Notes**, 2018; 11(1):779.

LEE, Y. H.; LEE, J. S.; JEOUNG, H. G.; KNOW, I. S.; MOHAMED, A.; HONG, S. T. Epidemiological Survey on Schistosomiasis and Intestinal Helminthiasis among Village Residents of the Rural River Basin Area in White Nile State, Sudan. **Korean J Parasitolo**, 2019.57 (2): 135-144.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/picos.html>. Acesso em: 4 de novembro de 2019.

KATZ, N. Inquérito Nacional de Prevalência da Esquistossomose mansoni e Geo-helmintoses. Belo Horizonte: **CPqRR**, 2018. 76 p.

MELO, A. G. S; MELO, C. M; OLIVEIRA, C. C. C; OLIVEIRA, D. S.; SANTOS, V.B.; JERALDO, V.L.S. Esquistossomose em área de transição urbano-rural: reflexões epidemiológicas. **Ciência Cuid Saúde** 2011; 10(3): 506-513.

MELO, A. G. S.; IRMÃO, J. M.; JERALDO, V. L. S.; Esquistossomose mansônica em famílias de trabalhadores da pesca de área endêmica de Alagoas. **Esc Anna Nery** 2019; 23 (1):1-10.

SECRETARIA DE SAÚDE DO PIAUÍ. Programa de Controle da Esquistossomose (PCE). **Dados Epidemiológicos referentes a 2016 e 2018**, Picos.

WHO, WORD HEALTH ORGANIZATION. **Schistosomiasis**,2019. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/schistosomiasis>. Acesso em: 4 nov. 2019.